

COHOUSING: UM RESGATE DE CONCEITO DE COLETIVIDADE NA HABITAÇÃO

COHOUSING: A RESCUE OF CONCEPT OF COLLECTIVITY IN THE HOUSING

¹TROVO, R. T.; ²GOMES, G. F. M.

^{1e2} Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM.

RESUMO

Cohousing ou Cohabitação, é um conceito de moradia compartilhada que incentiva uma relação mais profunda entre os integrantes da comunidade, buscando um modelo de vida mais sustentável. No Brasil esse conceito ainda é pouco conhecido, não havendo nenhum modelo finalizado, apenas projetos em desenvolvimento. Esta pesquisa servirá como base para uma proposta de projeto para a cidade de Ourinhos, interior de São Paulo. A realização se deu com base em estudos realizados em modelos de *cohousing* constituídas em países como Dinamarca, EUA e Espanha, assim como pesquisas realizadas sobre propostas em andamento no Brasil e pesquisas em comunidades intencionais localizadas próxima a região. Pode-se observar as vantagens deste modelo de moradia e as melhorias ocorridas no modo de vida das pessoas que optaram por esse meio, assim como a aceitação e a busca por esse conceito nas propostas atualmente apresentadas no Brasil.

Palavras-chave: Cohousing. Cohabitação. Comunidade Intencional.

ABSTRACT

Cohousing or Cohabitation is a concept of shared housing that encourages a deeper relationship among community members, seeking a more sustainable model of life. In Brazil this concept is still little known, with no model finalized, only projects under development. This research will serve as the basis for a project proposal for the city of Ourinhos, in the interior of São Paulo. The study was carried out on the basis of studies carried out on cohousing models established in countries such as Denmark, USA and Spain, as well as researches on proposals in progress in Brazil and research on intentional communities located near the region. One can observe the advantages of this model of housing and the improvements occurred in the way of life of the people who chose this way, as well as the acceptance and search for this concept in the proposals currently presented in Brazil.

Keywords: Cohousing, Cohabitation, Intentional Community.

INTRODUÇÃO

Desde a pré-história o homem teve como objetivo se abrigar da chuva, do sol, do frio e dos animais. A evolução da habitação sempre caminhou em busca de melhorias, neste trabalho será apresentado um modelo de moradia alternativa, *Cohousing*, que busca melhor qualidade de vida e conforto.

Estudando a história da habitação é possível observar que após a Revolução Industrial a cidade começa a crescer com a urbanização e o abandono do campo. As pessoas se instalavam de forma precária, fazendo com que a cidade crescesse sem que fosse planejada.

Na década de 1970, segundo BARBIERO (2015) com a crise econômica houve o empobrecimento do setor público, ficando o mesmo cada vez menos apto a

atender as demandas de serviços e infraestrutura decorrentes do crescimento geográfico, assim grandes empreiteiras desenvolveram uma nova atividade no ramo da construção civil: loteamentos e condomínios fechados. Um dos fatores que mais contribuíram para a expansão e o aumento deste tipo de empreendimento foi a promessa de uma moradia segura, exclusiva para uma determinada classe e sem contato com intrusos.

De forma geral, no Brasil, um forte motivo para a propagação de condomínios fechados, não é outro senão a disposição para o medo e a obsessão pela segurança aliados à sobrevalorização do indivíduo, ou seja, à sua fragilidade e vulnerabilidade. (LEVY, 2010, p.99)

O principal objetivo em estabelecer uma *Cohousing* é proporcionar uma moradia coletiva e sustentável sem criar um tradicional condomínio fechado, resgatando a vida em comunidade e buscando melhor qualidade de vida. Podemos analisar que o padrão de habitação tradicional, tanto em condomínios residenciais, como casas e apartamentos mostra que o senso de comunidade já é quase inexistente e cada vez mais individualizado. Além do problema social apresentado, o consumo excessivo, tanto de produtos como recursos naturais, é outro fator que torna o atual modelo de moradia ineficaz. Segundo BAUMAN (2009) “as cidades se transformaram em espaços de problemas causados pela globalização”.

Em uma *Cohousing* as casas são dispostas de maneira a fortalecer a proximidade entre os vizinhos, com jardins e áreas de lazer, cada família possui sua casa, com privacidade, mas dispõem de áreas comuns. A *common house* ou casa comum é um lugar composto por cozinha, sala de jantar, biblioteca, entre outros espaços como hortas e jardins, as tarefas para manutenção desses espaços são divididas entre os moradores, assim como a tomada de decisões referentes ao lugar, é feita em conjunto. Em relação ao meio ambiente, as soluções que podem ser empregadas são diversas, como a utilização de sistemas construtivos ecológicos e sustentáveis, placas fotovoltaicas e cisterna. Outro fator muito utilizado, que colabora com o meio ambiente é o incentivo ao uso da bicicleta como meio de transporte, ficando disponíveis aos moradores para uso coletivo.

Existem duas formas de iniciar uma *Cohousing*, mas para as duas formas é necessário que um grupo de pessoas interessadas nesse modelo de moradia trabalhem durante um tempo realizando reuniões entre si e passem a se conhecer o

suficiente para que a interação entre os moradores aconteça. Assim, a primeira opção de iniciação é que esse grupo de pessoas encontrem uma área e façam, juntos o projeto e a segunda opção é oferecer um local pronto que despertará o interesse e naturalmente nascerá um grupo.

Portanto, como objetivo, o presente estudo visa propor um projeto de moradia alternativa para proporcionar aos seus usuários maior interação com a comunidade, dentro e fora da *cohousing*, um modelo de vida mais sustentável, com um custo bem menor de manutenção em relação aos condomínios existentes.

Atingir o amplo escopo do projeto da habitação coletiva mais humana e sustentável demanda a efetiva consideração de condicionantes locais que norteiam princípios da sustentabilidade social e ambiental que, em colaboração, deveriam permear o projeto urbano-arquitetônico a partir do entendimento das pessoas e do lugar. (BARROS, 2011)

É necessário repensar a forma como vivemos, consumo excessivo, desperdício de recursos naturais e a falta de interação com o próximo, onde muitas vezes nem conhecemos nossos próprios vizinhos, como Raquel Barros (2011) cita, é comum encontrar nas habitações existentes características como a falta de harmonização entre a edificação e o local de implantação, a inadequação às atividades relativas ao habitar e à rotina da vida diária. Surgi assim a necessidade de repensar a forma como as moradias se desenvolveram e mostrar que é possível viver de forma mais eficiente e feliz.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa foram utilizados materiais bibliográficos referentes a moradia, a sociedade e a forma como ela evoluiu, como referência projetual foram analisados diferentes projetos e propostas de *cohousing*, assim como estudos realizados sobre o assunto. Os principais teóricos sobre o tema, Kathryn McCamant & Charles Durrett, possuem um escritório com o maior portfólio de *cohousings* construídas pelo mundo e um livro sobre o assunto, a coleta destes dados foram de extrema importância para o entendimento do conceito. Além destas pesquisas, foi realizado um estudo de caso em uma comunidade intencional

localizada na região. Todo o material coletado e estudado, para desenvolver esta pesquisa será utilizado como base para uma proposta de *cohousing* para a cidade de Ourinhos, SP.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Desde a pré-história o ato de abrigar-se era o fator mais importante na vida do homem, era o que garantia segurança e sobrevivência. O homem tinha como objetivo se abrigar das intempéries e dos animais e com o passar dos tempos e a evolução da humanidade, a moradia se tornou a mais antiga manifestação da arquitetura.

Na história da habitação é possível observar que após a Revolução Industrial a cidade começa a crescer devido a necessidade de mão-de-obra nas indústrias e a redução do número de trabalhadores no campo, recebendo de forma acelerada um número de pessoas maior do que suportava, que acabavam se instalando de forma precária, fazendo com que as cidades crescessem sem que fossem planejadas.

Segundo BARBIERO (2015), na década de 1970 surgiram os primeiros loteamentos e condomínios fechados, isso aconteceu devido a crise econômica ocorrida na época que causou o empobrecimento do setor público, ficando o mesmo cada vez menos apto a atender as demandas de serviços e infraestrutura decorrentes do crescimento geográfico, diante deste cenário, grandes empreiteiras desenvolveram uma nova atividade no ramo da construção civil, com a promessa de um novo estilo de vida. “A *Chácara Flora* foi o primeiro loteamento fechado de São Paulo, executado antes mesmo de existir qualquer legislação municipal regulamentando este tipo de empreendimento” (BARBIERO, 2015). Um dos fatores que mais contribuíram para a expansão e o aumento deste setor foi a promessa de uma moradia segura, exclusiva para uma determinada classe e sem contato com intrusos.

De forma geral, no Brasil, um forte motivo para a propagação de condomínios fechados, não é outro senão a disposição para o medo e a obsessão pela segurança aliados à sobrevalorização do indivíduo, ou seja, à sua fragilidade e vulnerabilidade. (LEVY, 2010, p.99)

Marcelo Tramontano, em sua tese de doutorado “Novos modos de vida, novos espaços de morar” (1998), fala sobre a crescente necessidade de independência dos indivíduos e a criação de espaços individuais e privados, tanto na configuração da moradia, como no espaço da comunidade, nosso modo de morar tem um senso de comunidade que já é quase inexistente e cada vez mais individualizado, ele

também questiona a possibilidade de que esses espaços privados se comuniquem através de espaços comuns.

Existem diversos modelos de moradias intencionais que foram criados na intenção de fugir destes problemas apresentados e proporcionar melhor qualidade de vida. Dentre estes, a *Cohousing* ou *Cohabitação* é um modelo de moradia coletiva que busca fortalecer a proximidade entre os vizinhos e a utilização de sistemas construtivos e alternativas ecológicas e sustentáveis.

A primeira *cohousing* foi construída em 1972 na Dinamarca, por um grupo de 27 famílias que buscavam um modelo de vida que resgatasse o senso de comunidade inexistente. O nome em dinamarquês, *bofælleeskaber*, significa “vida em comunidade”, traduzido para o inglês como, *cohousing*. Esse conceito está atualmente presente em vários países, como Estados Unidos, Canadá e Austrália, e em muitas localidades da Europa como Dinamarca, França e Inglaterra (BEZERRA, 2015 apud Kathryn McCamant & Charles Durrett, 2011)

Segundo Kathryn McCamant & Charles Durrett (2016), os principais teóricos sobre o tema *Cohousing*, a criação desta comunidade intencional tem como principal objetivo do conceito, resgatar o sentido de viver em comunidade, sendo uma forma de morar onde espaços e recursos comuns são compartilhados. O modelo consiste em casas privadas que estão estrategicamente posicionadas em relação a *common house*, ou casa comum, onde são realizados encontros para refeições coletivas e outras atividades, promovendo a interação social entre os vizinhos, que valorizam uma mistura saudável de privacidade e comunidade.

Figura 1: Foto da Chousing Rocky Hill, MA, EUA

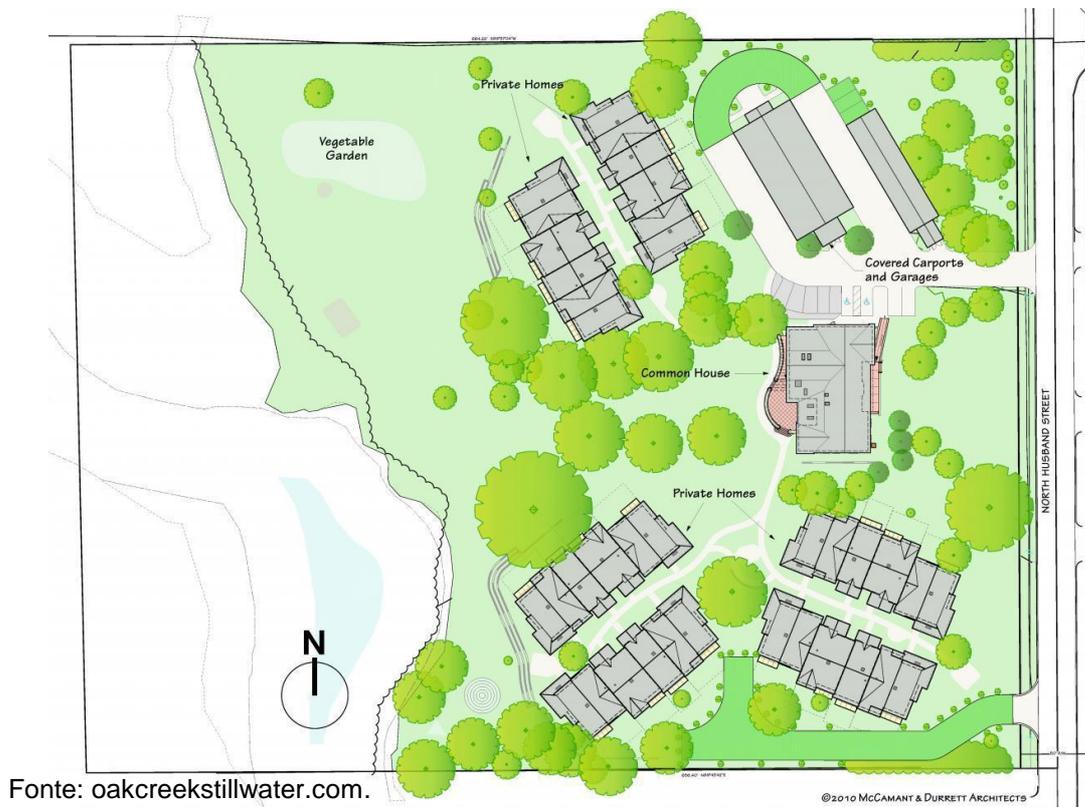


Fonte: valleyveg.org, acesso em: Maio, 2018

Bordalo (2014) explica que a configuração espacial da área comunitária, em relação ao sistema viário interno, é a centralização de ruas destinadas somente a pedestres, além de espaços verdes, ausência ou existência mínima de circulação de automóvel em seu interior, estacionamentos subterrâneos ou localizados em área periférica.

Arquitetura que une: A disposição das casas é planejada para fortalecer a proximidade entre os moradores. Em geral, são construídas de 20 a 40 residências, umas de frente para as outras, com jardins e áreas de lazer entre elas. **Casa própria:** Cada família vive com privacidade em sua própria casa, mas convive com toda a comunidade, por exemplo, na hora das refeições, feitas na cozinha coletiva. **Vida comunitária:** A chamada common house possui uma ampla cozinha, sala de jantar, lavanderia, biblioteca, sala de ginástica, oficina de artes e espaço de lazer, tudo coletivo. **Divisão de trabalho:** Os moradores dividem tarefas, como o cuidado com hortas e jardins e a varrição das calçadas. Em uma oficina coletiva, ficam os equipamentos para essas atividades. **Respeito ao meio ambiente:** Os moradores utilizam transportes alternativos. Os espaços ao ar livre são pensados para os pedestres. O estacionamento fica em uma área periférica. **Colaboração:** É comum os carros e as bicicletas serem compartilhados e os pais fazerem uma escala para levar e buscar as crianças na escola. As decisões sobre a comunidade são tomadas por todos, sem hierarquia. (OKABE, 2015).

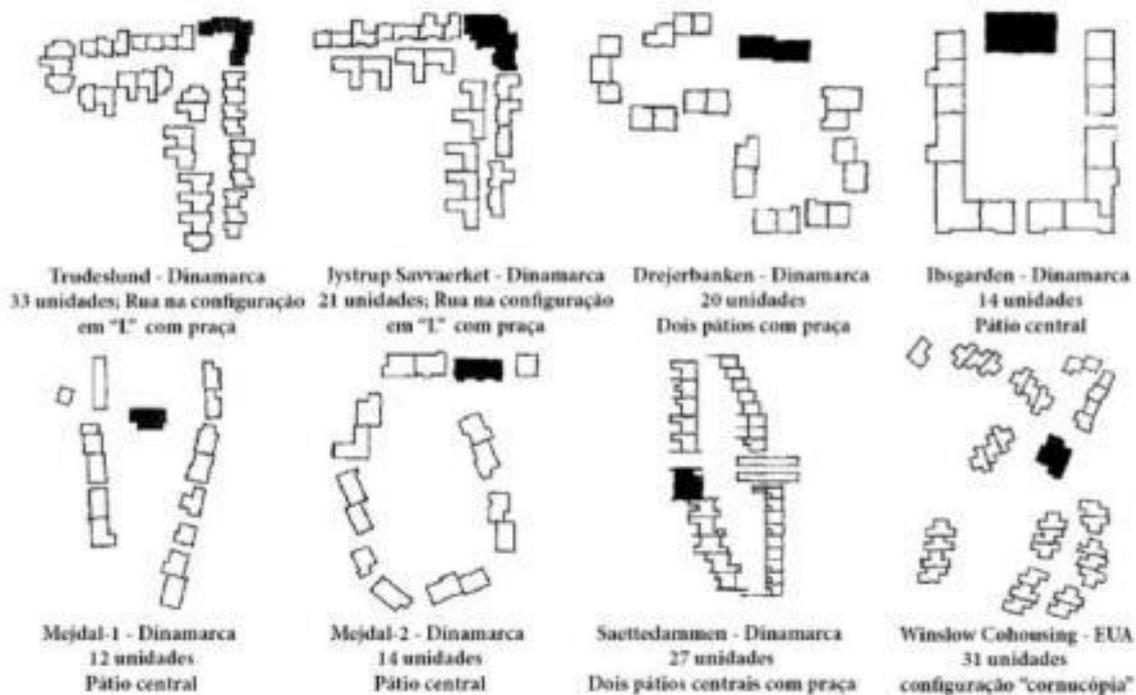
Figura 2: Implantação da Oak Creek Community, localizada em Oklahoma, EUA



Podemos observar (figura 2) a disposição das casas privadas (private homes) que estão distribuídas ao redor da casa comum (common house) e que entre elas o acesso é feito por caminhos exclusivos para pedestres. A acesso principal (north husband street) pode ser feito com veículos e logo na entrada já temos a garagem numa área periférica, impedindo que veículos circulem no interior.

Dentre as áreas comuns, praças e horta, a casa comum é o principal elemento social, considerada o centro da comunidade, onde se pode encontrar refeitório, cozinha, sala estar e TV, biblioteca, ateliês, quarto para hóspedes entre outros. Além da configuração do sistema viário, a configuração das habitações e da casa comum também define a interação entre os moradores.

Figura 3: Implantações apresentadas por Scotthanson & Scotthanson



Fonte: BEZERRA, Jéssica (2015, p.27)

Os dois primeiros exemplos, Trudesland e Jystrup Savvaerket, possuem ruas centrais que formam um L, e no ponto de encontro entre as ruas encontrasse a casa comuns. No terceiro exemplo, assim como no sétimo, as disposições das casas formaram pátios que deram espaço a casa comum. O quarto, o quinto e o sexto exemplo formam pátios entre as casas privadas e a casa comum, apesar de não possuírem a mesma configuração, proporcionam espaços parecidos. O último exemplo, apesar de ser mais orgânico, ainda mantém a casa comum centralizada e a formação de pátios.

Na década de 1970, quando surgiram as cohousing, a casa comum possuía o mesmo tamanho das casas privadas sendo um tamanho maior do que o atual modelo, e seus moradores ainda não sabiam se este modelo de moradia iria funcionar, nesta primeira fase de cohousing temos exemplares como Saettedammen (figura 4 e 5), na Dinamarca.

Figura 4: Casas privadas da Saettedammen Cohousing na Dinamarca

Figura 5: Jardim da Saettedammen Cohousing na Dinamarca



Fonte: cohousing.org/dk99.

Com o desenvolvimento da ideia seus usuários se acostumaram com a utilização da área comum o que casou o aumento da casa comum e assim a diminuição da casa privada, nesta segunda fase a casa comum se tornou aproximadamente três vezes maior que a casa privada, e é nesta fase também que começa a se localizar centralizada, podemos observar no exemplo desta segunda fase Trudeslund Cohousing (figura 6 e 7) em Birkerød, Dinamarca de 1981, as características citadas.

Figura 6: Implantação da Trudeslund Cohousing, Dinamarca



Figura 7: Foto da Trudeslund Cohousing, Dinamarca



Fonte: newspitalfields.wordpress.com.

Na terceira fase a casa comum continua crescendo, se tornando aproximadamente 8 vezes maior que a casa privada, que diminui, acomodando apenas o necessário para a privacidade, são adicionados novos espaços na casa comum como a sala de música. Nesta fase as casas privadas são colocadas em um único edifício, como podemos observar no exemplo, WindSong Cohousing (figura 8), em Vancouver, Canadá, conectadas por uma claraboia.

Figura 8: WindSong Cohousing, Vancouver, Canadá



Fonte: windsong.bc.ca

A quarta fase consiste na junção das habitações criadas nas outras fases, como exemplo temos a EcoVillage Ithaca, em Nova York, como podemos observar na figura 9, a vila possui 708.200m², que abriga três cohousins, ou seja, uma vila de cohousing, alguns desses bairros podem até incluir áreas comerciais e de serviços.

Figura 9: Vista aérea da Eco Village, Ithaca, Nova York



Fonte: google maps.

No Brasil ainda não existe nenhuma *cohousing* concluída, mas já é um assunto bem discutido, a arquiteta Lilian Lubochinski ministra palestras sobre o assunto e administra páginas na internet que também discutem sobre. O arquiteto e urbanista Rodrigo Munhoz, da Guaxo projetos sustentáveis deu início a um projeto de cohousing para a cidade de Piracicaba/SP (figura 10), “O projeto começou em 2012 e a partir de então ocorreram muitas idas e vindas. Neste momento, o projeto está parado a espera de uma parceria para um terreno em área urbana”, disse Rodrigo Munhoz em entrevista a BRP mídia, em 2017. O projeto de Rodrigo é um protótipo que ocuparia um terreno localizado a sete quilômetros da cidade de Piracicaba e teria 7 apartamentos de 50m² cada, envolvendo 2 quartos, sala, cozinha e banheiro e coletivamente os moradores teriam uma grande cozinha, lavanderia, estacionamento, bicicletário, piscina e um grande jardim.

Figura 10: Panfleto de divulgação do projeto do Arquiteto Rodrigo Munhoz

Guaxo
Projetos Sustentáveis
Arquitetura Urbanismo + Sustentáveis
www.guaxo.com.br f. 19, 33740150

LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO
AV. LUCIANO GIGOTTI
CRITÉRIO DA RESERVAÇÃO
JORNAL DE PIRACICABA
LOTEAMENTO RECANTO DA ÁGUA BRANCA
VILA JOSE ROBERTO COSTA
VEREJA DA ÁGUA BRANCA

Participe da construção de um modo de vida econômico e sustentável **eCOhabita**

eCO **COhabita**

Neste projeto inovador, Casas (lukes) que tenham baixo impacto ambiental e busquem um aumento da diversidade humana e natural incentivando a interação entre esses elementos.

Do conceito de Cohousing: Vizinhos que combinem autonomia de casas privadas com as vantagens dos espaços compartilhados e a vivência em comunidade.

+ ECONOMIA
Aquecedor solar centralizado
Coleta de água da chuva
Aparelhos elétricos eficientes

+ RECICLAGEM
Área de gestão dos resíduos
Compostagem para uso na horta
e lixo reciclável

+ BEM-ESTAR
Conforto térmico e acústico
Planta florestal das águas
Materiais menos impactantes

+ SUSTENTÁVEL
Vida compartilhada em comunidade
Bicicletário
Cobertura vegetal produtiva

ÁREA TOTAL DE TERRENO – 525m² ÁREA DE JARDIM 65m² LAVANDERIA E COZINHA COMUNITÁRIA
ÁREA DE USO COMUM – 125 m² SALA MULTÍTIPO 7 HABITAÇÕES – 50m² CADA

A Guaxo - Projetos Sustentáveis - TE CONVIDA A PARTICIPAR DESTA PROJETO EM CONJUNTO COM OUTROS COMPRADORES, QUE COMO VOCÊ BUSCAM VIVER DE UMA MANEIRA MAIS SUSTENTÁVEL DENTRO DA CIDADE A CUSTOS ACESSÍVEIS. FAÇA PARTE DESTA ESTILO DE VIDA INOVADOR.

Fonte: Página do Facebook, Guaxo Projetos

Outro projeto em andamento, teve início em 2017, por professores da Unicamp, que criaram a Vila ConViver. A ideia surgiu em 2014 e hoje a comunidade é formada por quase 200 professores sindicalizados aposentados. O projeto estuda a possibilidade de implementar uma cohousing em Campinas para abrigar, principalmente, professores aposentados da Unicamp. Cerca de 70 pessoas participam do projeto e o custo será de cerca de R\$ 400 mil por unidade, com pagamento mensal de R\$ 3,5 mil, e está previsto para 2020.

Figura 11: Professores da Unicamp integrantes da Vila ConViver



Fonte: sonoticiaboa.com.br.

CONCLUSÃO

Diante do estudo apresentado podemos observar como a sociedade evoluiu e que podemos repensar a forma como vivemos. Analisando o conceito sobre *cohousing* e a maneira como elas funcionam podemos concluir que é possível resgatar a vida em comunidade, e até mesmo em família, e proporcionar uma melhor qualidade de vida, assim como motivar a economia, tanto de produtos, como recursos naturais.

Tendo como base esta pesquisa, a proposta de projeto de uma *cohousing* na cidade de Ourinhos, SP se torna possível e poderá dar visibilidade ao novo conceito expandindo esta ideia e futuramente elevando o nível de qualidade das nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 47 p.

BEZERRA, Jéssica Bittencourt. **Cohousing: uma alternativa de habitat coletivo**. 2015. 146f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e

Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

BARROS, Raquel Paula. **Habitação coletiva: A inclusão de conceitos humanizadores no processo de projeto**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011. 206 p.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar** - Paris, São Paulo. 1998

SITES CONSULTADOS:

BARBIERO, Andréia. **Condomínios fechados – a origem e evolução do fenômeno urbano**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://ipiu.org.br/condominios-fechados-a-origem-e-evolucao-do-fenomeno-urbano/> Acesso em: Junho, 2018

BORDALO, A. **Estruturas de habitação de vida em comunidade vocacionadas para as necessidades da pessoa idosa e o caso das aldeias-lar em Portugal**. Tese de Doutorado (Doutorado em Arquitetura da Universidade de Lisboa). <http://hdl.handle.net/10400.5/7742>

COLIN, Silvio. High-Tech: **Um maneirismo do século XX**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2013/02/23/high-tech/> Acesso em: 02 Abr. 2018

HATSUMI TAJIRI, Christiane Aparecida; CAVALCANTI, Denize Coelho; POTENZA, João Luiz (Org.). **Habitação sustentável**. 1. ed. São Paulo: IMESP, 2012. 118 p. Disponível em: <<http://igeologico.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/9-habitacao-sustentavel.pdf>>

LEVY, Dan R. **Os condomínios residenciais fechados e a reconceitualização do exercício da cidadania nos espaços urbanos**. Ponto-e-virgula, 7: 95-108, 2010. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/119/artigo23371-1.aspx>> Acesso em: Março, 2018

OKABE, Marcio. **Cohousing – Um conceito inovador de CASA**. 1. 2015. Disponível em: <<http://marciookabe.com.br/economia-compartilhada/cohousing-um-conceito-inovador-de-casa/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.